

**Representações do autóctone em romances canadenses:
territorialidade, alteridade, identidade**

**Representations of the Autochthonous in Canadian novels:
territoriality, alterity, identity**

Eurídice Figueiredo¹

Submetido em 15 de novembro e aprovado em 7 de dezembro de 2016.

Resumo: A proposta deste artigo é de analisar alguns romances canadenses de língua inglesa e francesa que têm como personagens ameríndios e *Métis*, os quais ocupam um lugar marginal na sociedade que não os aceita no seio da comunidade majoritária e os envia de volta ao mundo dos “selvagens”. O mestiço, por mais branco e integrado que seja, é sempre visto como um índio, pois as sociedades norte-americanas não concebem a mestiçagem à maneira brasileira.

Palavras-chave: Literatura canadense. Literatura quebequense. Personagem ameríndio.

Abstract: The purpose of this text is to analyze some Canadian novels – both in French and in English – whose characters are Amerindian and *Métis*. I intend to demonstrate that they occupy a peripheral place in society which does not accept them inside the mainstream community and sends them back to the “savage” world. The Mestiço/a, even when he/she is almost white and integrated, is always seen as an Indian because North-American societies do not conceive mestizaje in a Brazilian way.

Keywords: Canadian Literature. Literature from Quebec. Amerindian characters.

Protocolo inicial

Uma questão metodológica deve ser colocada de antemão. Escrever sobre o autóctone do Canadá e não ser nem autóctone nem canadense, coloca-me duplamente fora do objeto deste texto. Ao atravessar fronteiras por um olhar excêntrico e descentrado, ao negociar esta defasagem, creio aproximar-me daquilo que Reed Way Dasenbrock chamou de “hermenêutica da diferença”, “que permite entender textos diferentes de nós e entendê-los por serem diferentes de nós” (apud EIGENBROD, 2005, p. XIII). Estou consciente que minha percepção está fortemente influenciada pelo modo de pensar a questão no Brasil, país fortemente marcado pela lógica da mestiçagem e pela inclusão simbólica dos indígenas ao projeto nacional². Como cada um fala a partir de seu lugar de enunciação, seu olhar crítico é

fortemente determinado pela visão de mundo de sua cultura. Situando-me, portanto, fora do Canadá e de sua história, vejo que os autóctones constituem um fantasma no imaginário dos canadenses na medida em que sua presença na formação da nação foi recalcada. Nas últimas décadas, há uma proliferação de romances que tratam do assunto: assiste-se, assim, à volta do recalcado, que parece estar sendo trabalhado no inconsciente coletivo e que se manifesta de maneira muito sugestiva na produção literária do país. Nestes romances percebem-se a marginalidade de Índios³ e *Métis*⁴, o racismo, a violência da sociedade que os envia de volta ao mundo dos “selvagens” e a não aceitação da mestiçagem, concebida como uma “ambivalência identitária insolúvel” (THÉRIEN, 1992, p. 130), que parece constituir uma espécie de ameaça ao bom funcionamento da ordem pública. Em países como o Canadá e os Estados Unidos funciona a *one drop rule*, ou seja, basta uma gota de sangue indígena (ou negro) para que a pessoa seja rejeitada à etnia considerada inferior, não se admitindo a sua passagem (*passing*) para o mundo dos brancos.

Assim, os mestiços que aparecem como personagens dos romances canadenses, tanto de língua inglesa quanto de língua francesa, mesmo os mais brancos – quer pelo aspecto físico, quer pela educação – são expulsos da pólis, como o bode expiatório, em benefício da homogeneidade de uma sociedade branca que se vem mostrando, desde os tempos da colonização, mais receptiva com os imigrantes do que com seus povos autóctones.

No âmbito deste artigo tratarei da figura do mestiço em alguns romances da literatura canadense de língua francesa e inglesa. Pretendo mostrar como a sociedade canadense branca, que defino aqui como “grupo de referência”, a partir de Landowski (2002, p. 5), trata o mestiço como um Outro difícil de ser incluído na comunidade, recusando-o em nome de uma necessidade ontológica de que ele faça a opção por seu “verdadeiro” povo. Trata-se de uma forma de segregação que não ousa dizer seu nome e que, curiosamente, se repete em praticamente todos os romances pesquisados, inclusive no de Culleton Mosionier, que é uma escritora de origem mestiça (*Métis*), criada e educada (como sua protagonista) em lares adotivos brancos e escolas públicas frequentadas por brancos. Não chega a surpreender o fato de seu imaginário não se distinguir do de outros escritores “brancos”, pois o imaginário não tem “raça”. Frantz Fanon considerava que os jovens antilhanos possuíam o mesmo inconsciente coletivo que os franceses justamente

por terem a mesma educação e a mesma formação que eles, expostos que eram aos mesmos filmes, aos mesmos gibis, aos mesmos clichês sobre os negros. Ele define o inconsciente coletivo como “o conjunto de preconceitos, mitos, atitudes coletivas de um grupo determinado” (FANON, 1952, p. 152). Este esquema narrativo, em que o mestiço volta para “seu lugar”, funciona tanto em romances em francês, do Quebec e outras províncias, quanto em inglês, no *corpus* trabalhado.

Representações na literatura de língua francesa

Alguns autores, como Francine Ouellette e Gérard Bouchard, tratam do personagem do mestiço no passado, dentro de uma perspectiva histórica em sagas que abordam a colonização do Quebec. A de Ouellette, que tem por título *Au nom du père et du fils* (o segundo, com o subtítulo de *Le sorcier*), (1984 e 1992), trata da história da colonização das Hautes Laurentides no Quebec no período que vai de 1884 a 1934. O protagonista é Clovis, filho do amor adúltero entre a índia Biche Pensive e o médico Philippe Lafresnière, que o reconhece quando ele já é um jovem. Clovis é talvez o personagem mestiço que mais sofre na literatura do Quebec. Já a saga de Gérard Bouchard – *Mistouk* (2002) e *Pikauba* (2005) – enfoca a colonização do Saguenay, entre 1884 e 1960. O segundo romance tem por protagonista um mestiço, Léo, filho da índia Senelle e de Méo, um *Canadien* aventureiro que fez muitas viagens no país em companhia dos indígenas. Há muitos paralelos que podem ser estabelecidos entre os romances de Ouellette e Bouchard: apesar de sofrerem a rejeição da sociedade branca, o personagem mestiço (Clovis e Léo) é um ganhador, pois o primeiro forma-se médico com destaque e o segundo se enriquece. O conflito, porém, subsiste já que, enquanto o protagonista mestiço camufla sua origem, ele tem sucesso. No final de ambos os romances, o mestiço é instado pela sociedade a optar por uma identidade aborígine, a se casar com uma mulher indígena e ir viver/trabalhar nos territórios para ajudar seus irmãos de “raça”. De modo metafórico e metonímico, o mestiço é colocado no espaço e na identidade dos autóctones, o que confirma, no modo ficcional, aquilo que a sociedade canadense tem demonstrado claramente em relação aos *Métis*: eles são aborígines, o sangue branco que corre em suas veias não lhes dá nenhum acesso ou direito a pertencer ao mundo dos brancos.

A interdição principal, que leva ao afastamento do homem mestiço para fora do território ocupado pela sociedade branca, é o casamento com a mulher branca, que ensejaria a miscigenação, a mistura, a mescla. Outros romances encenam o amor interracial clandestino, adúltero, pecaminoso, ilegal, entre a mulher branca e o mestiço, punindo com a morte aquelas que ousaram infringir o tabu. Em *Louise Genest* (1950), de Bertrand Vac, a protagonista, que dá nome ao romance, abandona o marido e o filho para ir viver na floresta com um mestiço, Thomas Clarey, um *sauvage* como tantos outros da literatura do Quebec. Jean-Yves Soucy, em *Un dieu chasseur* (1976), repete o mesmo esquema narrativo de Bertrand Vac: Marguerite Robitaille, a professora da vila, tenta viver na floresta com Mathieu Bouchard, um caçador, mas, como Louise Genest, morre. Mathieu não é propriamente um *Métis* embora haja uma certa ambiguidade: numa cena em que lhe oferecem Suzanne, uma índia de 15 anos, como prostituta, a “dona” lhe diz que ela tem tanto sangue indígena quanto ele (SOUCY, 1997, p. 58), o que sugere que o *Canadien* pode ter tanto sangue índio quanto uma *Indienne* embora tenham estatutos sociais diferentes. Marguerite foi ousada ao ir para a floresta com o caçador; mas, depois de desistir de seu projeto de vida com ele, ela se oferece ao *Indien*, personagem amigo de Mathieu, e aí sim, ela rompe o tabu, o interdito. Ele fica atônito, mal consegue acreditar ao ver a mulher nua diante dele, já que nem as prostitutas brancas aceitavam os índios. *Mais c’est comme violer un tabou, passer outre à un interdit*⁵ (SOUCY, 1997, p. 220). Ela insiste: *J’ai besoin, l’Indien, j’ai besoin. Faut que tu m’aides. Prends-moi, pénètre-moi, écrase-moi*⁶ (SOUCY, 1997, p. 221). Depois deste ato de ruptura total das convenções sociais, ela se suicida. Alguns dias depois da morte de Marguerite, Mathieu e *Indien* partem juntos para novo lugar de caça. Há uma verdadeira incompatibilidade entre o mundo selvagem, habitado pelos autóctones e frequentado por alguns brancos (*trappeurs, coureurs de bois*)⁷ e o mundo das mulheres brancas, como assinalou Jean Morency, em seu livro *Le mythe américain dans les fictions d’Amérique*, ao mostrar que há uma relação antitética entre, “de um lado, a mulher, a cultura, o espírito europeu, o cadastro das terras e, de outro lado, o índio, a natureza, o espírito americano, o mundo selvagem” (1994, p. 17. Tradução minha).

Há uma relação assimétrica no entrecruzamento das categorias de gênero (*gender*) e raça na maioria dos romances. Em *Un dieu chasseur* a assimetria aparece no paralelismo que se pode estabelecer entre a cena de sexo de Marguerite com *Indien* (transgressão de tabu) e de Mathieu com Suzanne, a índia de 15 anos (normalidade). Os mestiços são em sua esmagadora maioria filhos de pai branco com mulher indígena, frutos do amor, do sexo pago ou do estupro. Mesmo nas relações de amor, o mestiço, raramente reconhecido pelo pai, é marcado com o estigma da bastardia, o que contribui para fazer dele um desclassificado, um marginal, um deslocado. Noémi, personagem do conto “Ce Nègre n’est qu’un Blanc déguisé en Indien”, de Stanley Péan, declara: *Ma mère était indienne. En mettant au monde la bâtarde que je suis, elle s’est vue automatiquement expulsée de sa réserve... J’ai l’habitude d’être tenue hors caste*⁸ (PÉAN, 1998, p. 44).

Há alguns romances que colocam em ação mulheres mestiças, todas elas associadas à marginalidade, à loucura ou à prostituição. Janet Paterson (2004, p. 93) mostra que a empregada doméstica mestiça Aurélie Caron, do romance *Kamouraska*, de Anne Hébert, torna-se bode expiatório e vítima, pois ela paga pelo crime de sua patroa, passando dois anos em prisão enquanto Elisabeth fica livre. Mostra também que Aurélie funciona como “o Outro pulsional e selvagem que a protagonista carrega em si” (2004, p.103. Tradução minha); ou seja, a sexualidade, a selvageria, a liberdade de Aurélie projetam os desejos recalçados de Elisabeth, suas pulsões secretas.

Em *Ma vie, ma folie* (1983), Julien Bigras, escritor e psicanalista, narra a história de um longo processo terapêutico de uma jovem mestiça, Marie, cuja mãe teve ataques de loucura, e aparentemente a gerou com um *Iroquois*. Ser mestiça é causa de conflito interno, desequilíbrio emocional. *Indienne, sauvagesse, sauvage, étrangère, étrange, autre, voilà ce que j’étais à ses yeux. Etre squaw était ma honte. Pourtant ce “sang-mêlé” qui frappe tant les gens lorsqu’ils me regardent n’est qu’un pâle reflet de ce que je suis intérieurement*⁹ (BIGRAS, 1983, p. 17-18). Ao longo do tratamento é o psicanalista que fará uma anamnese pessoal, familiar e, ao mesmo tempo, histórica do Canadá francês, mostrando os contatos e as semelhanças entre os *coureurs de bois* e os indígenas.

Jacques Poulin, em *Volkswagen Blues* (1984), cria a mestiça Pitsémine, ou *la Grande Sauterelle*, personagem forte, com rico desenvolvimento na intriga do romance e

que funciona como guia do protagonista, Jack Waterman, escritor que percorre o Canadá e os Estados Unidos em busca de seu irmão ou, quem sabe, em busca de si mesmo. Ela conta que nasceu numa *roulotte* – espécie de caminhão de cigano –, nunca teve casa pois sua mãe, ao se casar com um branco, foi expulsa da reserva¹⁰ (como Noemi) e o casal nunca consegue alugar uma casa no espaço dos brancos. Este aspecto marginal está presente desde o momento em que Jack a encontra caminhando à beira da estrada, descalça. Segundo Paterson, sua “mestiçagem é frequentemente associada à melancolia, à perda, ao desenraizamento e à errância” (2004, p. 114. Tradução minha). Sua tristeza está ligada à sua indefinição identitária quando ela confessa a Jack que “ela não era nem uma índia nem uma branca, que ela era algo entre os dois, e que, afinal, ela não era nada” (POULIN, 1998, p. 246. Tradução minha). Jack tenta consolá-la dizendo que ela era alguma coisa nova, alguma coisa que começava mas estas palavras não são suficientes para aumentar-lhe a confiança. À noite ele sonha que Pitsémine era uma extra-terrestre, revelando que em seu inconsciente não há lugar para ela neste mundo, sua monstruosidade a associa a uma alienígena¹¹. No final do romance, Jack lhe dá a velha Kombi – símbolo de seu nomadismo e da impossibilidade de se fixar, pois desde o nascimento ela deambula. Afinal, ela prefere ficar em São Francisco (Califórnia) e não voltar para o Quebec, o que confirma minha hipótese de que não há espaço no território canadense para Índios e Mestiços, a não ser nas margens, nas reservas ou outros territórios periféricos¹².

Representações na literatura de língua inglesa

The Diviners de Margaret Laurence

Margaret Laurence (1926-1987) tem uma extensa obra literária na qual se destaca a série de Manawaka, composta de 5 romances, que vai de *Stone Angel* (1964) a *The Diviners* (1974); eles se passam na cidadezinha fictícia de Manawaka, criada à imagem e semelhança de Neepawa, sua cidade natal na província de Manitoba. Nessa série de romances existe uma família de *Métis*, os Tonnerre, que são marginalizados na sociedade canadense, em sentido literal, porque vivem na periferia da cidade e em sentido metafórico, pois não participam plenamente da cidadania. Esses romances de Laurence, de grande sucesso e repercussão no Canadá, têm sido reeditados desde sua primeira publicação.

O romance *The Diviners* se constrói pela alternância do presente, narrado em terceira pessoa, e o passado da protagonista, Morag Gunn, rememorado parte em terceira pessoa e parte em primeira pessoa (esta aparece em itálicos), como se a narradora olhasse um álbum de fotografias, constituindo assim as suas memórias inventadas (LAURENCE, 1974, p. 10). Através dos *flashbacks*, a narradora monta, numa espécie de quebra-cabeças, a história de sua vida, desde os 5 anos, quando morrem os pais, até o presente. Ao escrever, ela se dá conta que embeleza as coisas, aliás, ela afirma que não se pode confiar na memória de uma criança.

As memórias são parcialmente autobiográficas, já que a vida de Margaret Laurence tem pontos em comum com a de sua protagonista, inclusive o fato de ambas serem escritoras. A autora nasceu em Manitoba de família pobre, perdeu os pais na infância, tendo sido criada por uma tia materna (que havia desposado seu pai após a morte da mãe), casou-se, teve 2 filhos, morou 7 anos na África com o marido e depois do divórcio passou 10 anos na Inglaterra só com os filhos. Mesmo ao usar elementos de sua autobiografia, Laurence os transforma, modulando-os às necessidades de expressão literária pois, como afirma Régine Robin, o escritor, ao tentar contar sua vida, cria ficção, porquanto o sujeito narrado é um sujeito fictício justamente porque é narrado, ou seja, é um ser de linguagem; assim, não pode haver adequação entre o autor, o narrador e o personagem, entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, entre o sujeito em princípio pleno (o escritor) e o sujeito dividido, disperso, disseminado, da escrita (ROBIN, 1997, p. 17). O romancista Dany Laferrière, no livro de entrevistas *J'écris comme je vis*, diz que em literatura não pode haver confissão, pois a sinceridade é o primeiro artifício, e que “para colocar em cena sessenta por cento de sinceridade, é preciso quarenta por cento de artifícios. A verdade tem necessidade de ser verossímil” (LAFERRIÈRE, 2000, p. 119. Tradução minha), no que ele concorda com Paul Valéry, que já afirmava que “em literatura o verdadeiro não é concebível” e que qualquer tipo de “confidência visa à glória, ao escândalo, à desculpa, à propaganda” (VALÉRY, 1957, p. 570-571. Tradução minha).

Na primeira cena do livro, a protagonista Morag – escritora que mora numa casa afastada de tudo – está às voltas com um problema: sua filha Pique, de 18 anos, acaba de fugir de casa, deixando-lhe um bilhete. Ao rememorar seu passado em Manawaka, ela

evoca os Tonnerre, que moravam em barracos à beira do rio Wachakwa, na periferia da cidade. Morag era então colega de escola de Jules (Skinner) Tonnerre, que lhe explicara que seu apelido Skinner se devia ao fato de ele ser muito magro (*skinny*) ou talvez ser muito bom ao retirar as peles (*skinning*) dos animais que caçavam (LAURENCE, 1974, p. 73). Ambos eram pobres e marginais na sociedade, sendo que Morag, descendente de escoceses, órfã, era desprezada porque seus pais adotivos ocupavam o último degrau na sociedade local: o pai, Christie Logan, o Scavenger (lixeiro), trabalhava no Nuisance Grounds.

Nas conversas das duas crianças, Jules contou-lhe a história do avô (de quem herdara o nome), que lutara na revolta dos *Métis* ao lado de Louis Riel em 1885, em Saskatchewan, ao passo que ela não lhe revelou que seu avô, Piper Gunn, teria lutado contra os *Métis*, de acordo com as histórias narradas por Christie. Apesar de os livros escolares descreverem Louis Riel como um louco, ela considerava que ele tinha razão ao lutar para defender os direitos dos *Métis* nas questões territoriais. *The book in History said he was nuts, but he didn't seem so nuts to me. The Métis were losing the land - it was taken from them. All he wanted was for them to have their rights. The government hanged him for that* (LAURENCE, 1974, p. 132)¹³. A história de Louis Riel aparece contada de dois pontos de vista, o de Christie, que fala do papel dos escoceses no combate ao levante dos *Métis*, e o de Jules, que teria ouvido as histórias de seu pai.

Morag prossegue os estudos, casa-se, começa a escrever e a publicar, tornando-se uma escritora de certo sucesso. Jules luta durante a Segunda Guerra na Europa, volta, continua marginal, compondo e cantando música *country*, apresentando-se sem sucesso e vagando pelo país. Um dia eles se reencontram por acaso, ela o convida a sua casa mas o marido, Brooke Skelton, um professor universitário, não aceita a presença de Jules e acusa Morag de ter-lhe dado seu uísque, provocando uma cena de racismo explícito, com a clássica questão referente ao alcoolismo dos índios e mestiços. *Anyway, I thought it was supposed to be illegal to give liquor to Indians* (LAURENCE, 1974, p. 269)¹⁴. Esta foi a gota d'água para a separação do casal. Ela sai junto com Jules e vai dormir em sua casa, reatando assim momentaneamente um relacionamento da adolescência, o que redundará no seu divórcio e no nascimento de uma filha, que recebe o nome de Piquette, em homenagem à irmã de Jules, morta com seus dois filhos no incêndio de seu barraco, em suicídio presumido. O desajuste

psíquico e social, o alcoolismo, a falta de esperança, vários são os motivos do desapego de Piquette à vida. Jules tenta explicar o que acontecia com sua irmã: *she was stoned out of her head with home-brew, on account of she didn't give a fuck whether she lived or died, and she had her reasons* (LAURENCE, 1974, p. 428)¹⁵.

A morte e o ritual do enterro dos mortos sinalizam a questão do lugar ocupado pelos *Métis* na sociedade canadense. Quando Piquette e seus filhos morrem, seus corpos são enterrados no cemitério dos *Métis*, na Galloping Mountain e quando o pai de Jules, o velho Lazarus, morre, a cena se repete: o cemitério protestante não o aceita porque ele é católico e o cemitério católico também não o aceita porque ele não frequentava a igreja há anos e não havia recebido a extrema-unção. No entanto, Jules diz que a verdade é que eles não o queriam lá porque seus ossos mestiços poderiam poluir o cemitério dos brancos: *his halfbreed bones spoiling their cemetery* (LAURENCE, 1974, p. 268)¹⁶. Assim, ele é enterrado junto aos seus em Galloping Mountain, o que parece, afinal, o melhor aos olhos de Jules. Simbolicamente a cidade expulsa para sua periferia os *Métis*, tanto vivos quanto mortos, já que ela não os reconhece como sendo parte de sua sociedade.

A filha, que só é chamada de Pique por Morag (que não suporta rememorar a cena da morte de Piquette), criada pela mãe em ambiente exclusivamente branco, tendo passado muitos anos na Inglaterra, talvez só se dê conta de ser *Métis* ao frequentar a escola no Canadá e ser agredida por seus colegas de escola, que a tratam como se ela fosse uma prostituta. *Aw come on, don't give me that shit – you know halfbreed girls cant't wait to get fucked by any guy who comes along* (LAURENCE, 1974, p. 422)¹⁷. Aos 18 anos, após sua fuga, conta à mãe uma cena particularmente agressiva: Pique está a pé numa estrada com seu violão e é agredida por homens bêbedos, que passam em um carro e jogam uma garrafa nela, ferindo-a. Pede refúgio numa casa para lavar o sangue e, em vez de poder denunciar os homens à polícia, é ela quem é denunciada pelos donos da casa e a polícia exige que ela deixe a cidade (LAURENCE, 1974, p. 106-107).

Pique, apesar de mal conhecer o pai, apesar de não ter nenhum referencial cultural *Métis*, aos 18 anos vai à sua procura, já que a sociedade a empurra para este lugar de exclusão; ela começa assim um processo identificatório com ele, toca violão e canta as canções que ele canta, inclusive uma composta por Louis Riel, na prisão, uma estrofe

reproduzida no romance em francês e em inglês. *Mourir, s'il faut mourir;/Chacun meurt à son tour;/J'aim' mieux mourir en brave;/Faut tous mourir un jour*¹⁸ (LAURENCE, 1974, p. 243). A comunicação entre pai e filha se dá através das canções compostas por Jules em homenagem aos seus familiares.

No final do romance, após a morte de seu pai, Pique vai passar um tempo com o único tio vivo, Jacques, que vive na região de Galloping Mountain, já que os outros 3 irmãos de Jules haviam morrido, todos com menos de 40 anos. Pique não chegou a conhecer nenhum deles: além de Piquette, de quem ela herdou o nome, morta num incêndio antes de seu nascimento, havia Paul, guia no Norte, dado como afogado aos 27 anos, embora os turistas que ele conduzia tenham voltado sãos e salvos e Val, prostituta e alcoólatra, morta aos 37 anos: *she died of booze and speed, on the streets of Vancouver. As a whore* (LAURENCE, 1974, p. 430)¹⁹.

Morag, ao fazer uma reflexão sobre línguas perdidas porque ela conserva a nostalgia do gaélico, língua dos seus ancestrais escoceses que nunca aprendera, pensa na situação de Jules, que fala inglês como se fosse uma língua estrangeira, tendo perdido o francês e o Cri (LAURENCE, 1974, p. 244). Esta é, aliás, a situação dos *Métis* desde a derrota de Batoche e a dispersão do grupo em 1885, como assinala Jean Morrissett. Ao exterminar os *Métis* enquanto grupo unido e organizado, os anglo-canadenses eliminaram de um só golpe o francês da região das Prairies (Manitoba e Saskatchewan).

In Search of April Raintree, de Beatrice Culleton Mosionier

Este é um romance de base autobiográfica embora o itinerário de April Raintree não reproduza exatamente a biografia da autora, como ela frisou. Alguns elementos importantes existem em comum: de família *Métis*, Beatrice Culleton e suas duas irmãs foram retiradas dos pais e colocadas em lares adotivos de famílias brancas; as irmãs se suicidaram, a primeira (Vivian) em 1964 e a segunda (Kathy) em 1980. Assim, escrever para ela exerceu uma função terapêutica (CULLETON MOSIONIER, 1999b, p. 248). Ela também teve a experiência do estupro, cuja descrição no romance, extremamente detalhada e realista, é considerada por Agnes Grant uma das cenas de estupro mais gráficas na literatura de língua inglesa, não deixando nada para a imaginação dos leitores

(GRANT, 1999, p. 244). Diferentemente da ficção, a autora afirma ter sido bem tratada por seus pais adotivos; o que a teria levado a deixar a casa dos Roy e ir para um internato aos 15 anos foi uma certa revolta porque o desejo dela e da irmã mais velha, após o suicídio da irmã mais nova, era que as duas morassem juntas, o que não foi autorizado pelo *Children's Aid*. Como sua personagem, a autora passa 3 anos interna.

No romance a ênfase é colocada nas duas irmãs, April e Cheryl, a terceira sendo mencionada muito rapidamente. Ambas são bonitas, espertas e estudiosas, a diferença principal que as separa é a cor da pele: se April é bem clara, mal podendo ser identificada como uma mestiça, a irmã é morena, representando bem o tipo indígena. A aparência vai corresponder também às posições ideológicas em relação à ancestralidade: Cheryl desde pequena se identifica com o povo *Métis*, com a história da luta de Louis Riel, que ela estuda com afinco contra a posição da escola e dos professores, enquanto April prefere se distanciar ou mesmo renegar esta identidade. April se refere aos seus pais não como *Métis* – ou seja, descendentes da comunidade originária de Red River (Winnipeg), onde se iniciou a luta de Riel – mas como mestiços: o pai tinha *mixed blood, a little of this, a little of that, and a whole lot of Indian*²⁰ enquanto a mãe é definida como *part Irish and part Ojibway*, ou seja, parte irlandesa e parte indígena (CULLETON MOSIONIER, 1999, p. 11)²¹.

Na verdade as duas meninas não tiveram quase nenhum acesso à cultura da nação *Métis* pois quando elas ainda eram pequenas os pais deixaram a comunidade de Norway House, em que viviam, e vieram se estabelecer na cidade de Winnipeg para se tratar de tuberculose. No entanto, a vida na cidade muda radicalmente os hábitos dos pais: perdendo sua capacidade de se sustentar, dependendo da assistência social, estando expostos ao alcoolismo e às dificuldades de inserção social numa sociedade que os recusa, a degradação se dá de forma muito rápida e eles perdem a guarda das filhas.

Crescendo num mundo que denigre os índios e mestiços, April quer se distanciar de sua identidade de *Métis* para se tornar uma pessoa comum, anônima, tão branca quanto a maioria, a fim de não sofrer nem as consequências do racismo nem as possíveis taras impingidas aos autóctones como a “síndrome da mulher indígena”, explicada pela assistente social: ela começa com atitudes de contestação que acabam desembocando em gravidez precoce, alcoolismo, uso de drogas, prostituição e prisão (CULLETON

MOSIONIER, 1999, p. 62). Ela só esqueceu de dizer que o desenlace deste itinerário era o suicídio, justamente o caminho trilhado por Cheryl, o qual evoca também o percurso das irmãs Tonnerre de Margaret Laurence.

O racismo da sociedade canadense está presente em todas as etapas da vida das protagonistas: desde o serviço de proteção às crianças, cujos profissionais são surdos às reclamações e aos apelos das meninas, passando pela segunda família adotiva de April, pela estrutura escolar em todos os seus níveis, pela sogra (branca) de April que afirma não querer ter netos mestiços, e assim por diante. Um raro momento de humor no romance se dá quando as duas irmãs são provocadas por uma pessoa numa festa em Toronto, no período em que April estava casada com o marido branco e rico.

“Oh, I’ve read about Indians. Beautiful People they are. But you’re not exactly Indians are you? What is the proper word for People like you?” one asked.

“Women,” Cheryl replied instantly.

“No, no, I mean nationality?”

“Oh, I’m sorry. We’re Canadians,” Cheryl smiled sweetly (CULLETON MOSIONIER, 1999, p. 107)²².

Diante da impertinência das perguntas sobre a identidade das duas, as respostas de Cheryl contornam a questão da “raça” ao afirmar que elas possuem uma identidade feminina (mulheres) e uma identidade nacional (canadenses). Mas as humilhações continuam: uma mulher diz que teve uma empregada doméstica indígena (*very good Indian maid*), um homem pergunta *what is like being an Indian*, que poderia ser associada à pergunta que os parisienses faziam aos persas²³ que visitavam o país, nas *Cartas persas* [1721], de Montesquieu: *Comment peut-on être Persan?* (MONTESQUIEU, 1973, p. 105). Parece que o etnocentrismo, mais de dois séculos e meio depois, não mudou!

As irmãs usam estratégias de sobrevivência diferentes: Cheryl reivindica a identidade mestiça, milita pela causa, parece estar bem adaptada neste papel ativo e combativo. No entanto, depois de um período em que April não mantém contato com ela por estar morando em Toronto, e durante o qual o leitor também desconhece o que acontece, Cheryl sai dos trilhos, desmorona. Ela, que parecia uma fortaleza, mostra-se frágil e autodestrutiva. Isto se explica parcialmente pela descoberta que faz de que sua mãe se suicidou e seu pai é alcoólatra. Embora esta desmitificação do orgulho de seus

ancestrais poder ser desestruturador da personalidade da personagem, há alguns elementos que conservam uma certa ambiguidade, tais como: como e por que ela se relaciona com um homem que a leva à perdição, ao alcoolismo e à prostituição, por que ela se torna extremamente agressiva com a irmã após o estupro de April, confundida com a irmã quando ela fora à casa buscar os pertences de Cheryl? O suicídio é uma solução final já que sua vida estava destroçada e que ela era incapaz de cuidar de seu próprio bebê, de cuja existência April não estava a par.

No final do romance, após o suicídio de Cheryl e a adoção de seu filho, April vai reivindicar sua pertença ao povo *Métis*. *As I stared at Henry Lee, I remembered that during the night I had used the words “MY PEOPLE, OUR PEOPLE” and meant them. The denial had been lifted from my spirit. It was tragic that it had taken Cheryl’s death to bring me to accept my identity* (CULLETON MOSIONIER, 1999, p. 207)²⁴. No entanto, esta cena, tão elogiada pela crítica canadense, me parece paradoxal: com qual povo, com qual cultura, ela vai se identificar se não conhece nada sobre os *Métis* senão o desprezo e o ódio da maioria branca com a qual ela sempre conviveu? Esta conversão final, em que ela cumpre sua obrigação de “voltar” para os seus, me parece problemática. Margery Fee afirma não estar muito convencida da capacidade de April de educar o menino como um *Métis* comprometido com a causa – *a committed Métis activist* (FEE, 1999, p. 224). Minha questão seria diferente da que coloca Fee: por que o garoto deve ser um militante da causa *Métis*? Por que as minorias étnicas têm de ser defensoras da raça e a maioria branca pode realizar projetos meramente individuais e individualistas? Por que April não tinha o direito de viver seu projeto individual enquanto “branca” (na aparência)? Margery Fee explica que só a maioria pode exercer a liberdade de fazer escolhas e trilhar os caminhos que quiser ao observar: “A liberdade de escolher a identidade ou mover-se numa série de identificações é normalmente reservada à maioria, ao passo que membros das minorias têm identidades – negativas – impostas a eles em graus variados de brutalidade” (FEE, 1999, p. 212. Tradução minha). Sendo politicamente correta, Fee considera que cada membro de uma minoria que abandona o grupo contribui para o desaparecimento das tradições. Assim, “a identidade para os povos indígenas não é uma decisão pessoal e a comunidade deixa claro que os indivíduos são responsáveis pela sobrevivência do grupo”

(FEE, 1999, p. 216. Tradução minha). No entanto, acredito que o binarismo que opõe, de um lado o índio alcoólatra, de outro o índio ativista, é inaceitável para April, que não quer nem sofrer da “síndrome da mulher indígena” nem tornar-se militante de nenhuma causa. Assim, a exigência de assumir a sua “raça”, que a sociedade lhe impõe, aparece no final do romance de um modo fortuito e forçado.

Margery Fee (1999, p. 222) atribui o suicídio de Cheryl a uma “reação lógica à traição de April” ou ainda porque April tinha abandonado emocionalmente a irmã. Parece-me excessivamente dicotômica esta oposição entre as duas irmãs, que faz recair toda a culpa sobre April, a traidora da raça, que tinha a obrigação ontológica de ser *Métis* e que, ao final, recebe o sobrinho como uma espécie de prêmio. Fee considera injusto que ela receba a criança, considera injusto que autóctones nasçam com pele clara e possam usufruir de privilégios que não lhes pertencem. A posição de Fee é claramente em defesa dos aborígenes e sua intenção é a melhor possível, dentro da lógica identitária canadense, em que cada grupo étnico deve se “assumir”. Entretanto, dentro da lógica brasileira da mestiçagem, não há nenhuma razão de culpar um personagem pelas tramas aleatórias da genética nem se exigir dele que se fixe em identidades imutáveis.

Conclusão

Considerando o mosaico multicultural da sociedade canadense como um espaço democrático de convivência de comunidades oriundas de partes diversas do globo, percebe-se a preservação do valor da etnicidade, com a criação de identidades hifenizadas. A maioria branca, que funciona como o “grupo de referência” (LANDOWSKI, 2002), parece querer preservar sua integridade, imagem de um NÓS hipostasiado, criando diversas estratégias para se distinguir dos “diferentes”, dos “Outros”, sob uma aparência de não discriminação. Segundo Landowski, a sociedade majoritária pode exercer com seus Outros a exclusão ou a assimilação, mas em ambos os movimentos percebe-se o não reconhecimento da Alteridade, pois ou se exclui (exclusão) ou transforma-se o Outro no Mesmo (assimilação). O reconhecimento só se daria na aceitação, pura e simples. A diferença que existe entre o grupo de referência e os outros não é uma diferença ontológica porque, afinal, todos são homens; há antes, diferenças posicionais, relacionais, em que

se pode valorizar a genética, a cultura, a religião etc. Mas ela tende a converter-se, no plano empírico, numa série de oposições substanciais porque algumas características são valorizadas, acentuadas. As disfunções sociais de índios e mestiços (alcoolismo, prostituição, criminalidade), que lhes são atribuídas como marca da diferença, são uma decorrência da posição de baixa autoestima provocada pela pobreza e pela marginalização, sem esquecer que o alcoolismo é herança da dominação colonial, quando os brancos começaram a vender uísque aos índios a fim de melhor dominá-los. Para Bhabha, “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial” (BHABHA, 1998, p. 111). Assim estes elementos, reiteradamente invocados, são a marca social para uma diferença étnica que subjaz, num racismo que às vezes não ousa dizer seu nome.

Conteúdos específicos são investidos nas oposições entre o grupo de referência e os Outros. O grupo de referência fixa o inventário de traços diferenciais que servem para construir, diversificar e estabilizar o sistema das figuras do Outro (LANDOWSKI, 2002, p. 13). Estes traços diferenciais servem para significar figurativamente a diferença posicional que separa logicamente o Um de seu Outro, daí surgindo os estereótipos. Bhabha explica o mecanismo da formação do estereótipo:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa *representação* de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 1998, p. 117. Grifo do autor).

Para Landowski, a produção da diferença mobiliza dois planos: 1. referencial, em que a diferença se baseia em termos biológicos ou sociológicos; 2. semiótico, em que a diferença passa a ser significante, ensejando a construção de um universo de sentido e de valores (LANDOWSKI, 2002, p. 14).

O meu argumento neste texto é que a produção da diferença em relação ao autóctone no Canadá foi construída ao longo da História nos dois planos, o referencial e o semiótico. Apesar de mudanças significativas ocorridas nos últimos anos, em termos políticos e culturais, com assinatura de tratados com algumas nações, criação de museus,

bibliotecas, com o aparecimento de obras escritas por escritores autóctones, sua presença no espaço público ainda é rarefeita. Em termos imaginários – que é o mundo da ficção – as estratégias narrativas usadas para tecer as tramas induzem a sua exclusão da sociedade. Os recursos literários usados para que o personagem “assuma” sua identidade autóctone podem ser de ordem mítica, ritual, identitária, mas resulta sempre que, ao fim da narrativa, o personagem do índio ou do *Métis* é levado a ir morar junto a seu “povo”, em seus territórios, não permanecendo nem se misturando com o grupo majoritário branco. Assim, apesar de personagens mestiços terem cada vez mais voz nos romances, eles ainda não parecem “normais” na pólis, sua alteridade ainda parece radical demais.

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BIGRAS, Julien. *Ma vie, ma folie*. Paris: Mazarine/ Montréal: Boréal Express, 1983.
- BOUCHARD, Gérard. *Mistouk*. Montréal: Boréal, 2002.
- _____. *Pikauba*. Montréal: Boréal, 2005.
- CULLETON MOSIONIER. *In Search of April Raintree*. Critical Edition edited by Cheryl Suzack. Winnipeg (Canada): Portage & Main Press, 1999.
- _____. *Raintree*. Critical Edition edited by Cheryl Suzack. Winnipeg (Canada): Portage & Main Press, 1999b.
- EIGENBROD, Renate. *Travelling Knowledges*. Positioning the Im/Migrant Reader of Aboriginal Literatures in Canada. Winnipeg, University of Manitoba Press, 2005.
- FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.
- FEE, Margery. Deploying Identity in the Face of Racism. In: CULLETON MOSIONIER. *In Search of April Raintree*. Critical Edition edited by Cheryl Suzack. Winnipeg (Canada): Portage & Main Press, 1999.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Variações sobre o tema da mestiçagem. In: PORTO, Maria Bernadette (Org). *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/Abecan, 2004.
- _____. Os discursos da mestiçagem: interseções com outros discursos, críticas, ressemantizações. Revista *Gragoatá* 22. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Letras/EdUFF, 2º semestre 2007.
- FOSTER, John E. The Plains Metis. In: MORRISON, R. Bruce; WILSON, C. Roderick (Ed). *Native Peoples*. The Canadian Experience. Toronto: Oxford University Press, 2004. p. 297-319.
- GRANT, Agnes. Abuse and Violence: April Raintree’s Human Rights (if she had any).

In: CULLETON MOSIONIER. *In Search of April Raintree*. Critical Edition edited by Cheryl Suzack. Winipeg (Canada): Portage & Main Press, 1999.

HAREL, Simon. La filiation secrete. In: PATERSON, Michel, BERND, Zilá (Org). *Confluences littéraires*. Brésil-Québec: les bases d'une comparaison. Québec: Ed. Balzac, 1992.

HOWARD, Joseph Kinsey. *L'Empire des Bois-Brûlés (Strange Empire: Louis Riel and the Métis people)*. Saint-Boniface (Manitoba): Ed. Des Plaines, 1989.

LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Montréal: Lanctôt, 2000.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. Ensaios de sociossemiótica. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. S. Paulo: Perspectiva, 2002.

LAURENCE, Margaret. *The Diviners*. Toronto/N.York/London: Bantam Books, 1974.

MONKMAN, Leslie. *A Native Heritage. Images of the Indian in English Canadian Literature*. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

MONTESQUIEU. *Lettres persanes*. Paris: Gallimard, 1973.

MORENCY, Jean. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique*. De Washington Irving à Jacques Poulin. Montreal: Nuit Blanche, 1994.

MORRISSET, Jean. Postface in : CARVALHO, Mathias. *Louis Riel. Poèmes américains*. Traduction, avant-propos et postface de Jean Morisset. Trois-Pistoles (Québec) : Ed.Trois Pistoles, 1997.

OUELLETTE, Francine. *Au nom du père et du fils*. Montréal: La Presse, 1993.

_____. *Au nom du père et du fils. Le sorcier*. Montréal: Ed. Du Club Québec Loisirs Inc, 1992.

PÉAN, Stanley. Ce Nègre n'est qu'un Blanc déguisé en Indien. In: *La plage des songes et autres récits d'exil*. Montréal: Bibliothèque Québécoise, 1998.

PETERSON, Janet. *Figures de l'Autre dans le roman québécois*. Montréal: Nota Bene, 2004.

POULIN, Jacques. *Volkswagen Blues*. Paris: Babel, 1998.

RIEL, Louis. Les Métis du Nord-Ouest. In: CARVALHO, Mathias. *Louis Riel. Poèmes américains*. Traduction, avant-propos et postface de Jean Morisset. Trois-Pistoles (Québec): Ed.Trois Pistoles, 1997.

ROBIN, Régine. *Le Golem de l'écriture*. De l'autofiction au Cybersoi. Montréal:XYZ, 1997.

SOUCY, Jean-Yves. *Un dieu chasseur*. Montréal: Typo, 1997.

THÉRIEN, Gilles. Le Métis comme horizon de la disparition. In: *Métissages*. Littérature-Histoire. Textes réunis par Jean-Claude Carpanin MARIMOUTOU et Jean-

Michel RACAULT. Tome 1. Université de la Réunion. L'Harmattan, 1992. p. 119-130.

VAC, Bertrand. *Louise Genest*. Montréal: Stanké, 2001.

VALERY, Paul. Stendhal. In: *Oeuvres*, Pléiade, t. 1, Paris: Gallimard, 1957.

Notas

- ¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, RJ. Pesquisadora do CNPQ. euridicefig@gmail.com.
- ² Inclusão simbólica não significa necessariamente inclusão social; os índios brasileiros têm muitos problemas que não serão discutidos no âmbito deste ensaio cujo objetivo é ler alguns romances canadenses que têm os autóctones como personagens.
- ³ Apesar de no Canadá se preferir usar os termos Ameríndios e Primeiras Nações para designar os povos autóctones, optei por empregar os termos mais comuns no Brasil.
- ⁴ Os *Métis* formam um grupo étnico, reconhecido pela Constituição de 1982 (seção 35) como um povo autóctone, juntamente com os Indígenas e os *Inuit*. De acordo com o censo de 2001, os *Métis* constituem 30% da população autóctone, ou seja, 292.310 *Métis* num universo de 976.305 aborígenes. Só será usado o termo *Métis* (com maiúscula) para designar a nação ou os membros da nação; nos demais casos será usado o termo português mestiço.
- ⁵ Mas é como violar um tabu, infringir uma interdição.
- ⁶ Eu preciso, Índio, eu preciso. Você tem de me ajudar. Me pegue, penetre em mim, me esmaga.
- ⁷ Os *trappeurs* e os *coureurs de bois* eram caçadores e comerciantes de peles; eles entravam em contato direto com os índios, muitas vezes se relacionavam com as índias, que tinham filhos deles. Trata-se de figuras que participam dos mitos fundadores do Canadá francês.
- ⁸ Minha mãe era índia. Ao colocar no mundo a bastarda que eu sou, ela se viu automaticamente expulsa de sua reserva... Estou acostumada a ser marginal.
- ⁹ Índia, selvagem, estrangeira, estranha, Outra, eis o que sou aos seus olhos. Ser *squaw* era minha vergonha. Entretanto este '*sangue misturado*' que choca tanto as pessoas quando elas me olham só é um pálido reflexo do que sou internamente.
- ¹⁰ O *Indian Act* (1951) estabeleceu uma discriminação de gênero ao definir que mulheres indígenas que tivessem filhos com brancos perdessem o estatuto de indígenas (assim como seus filhos) enquanto mulheres brancas que tivessem filhos com homens indígenas eram aceitas nas reservas e passavam a ter o estatuto de indígenas (assim como seus filhos). Esta lei, que só mudou em 1985, causou uma grande confusão, criando uma massa de pessoas sem estatuto definido, já que estas mulheres indígenas e seus filhos mestiços não eram aceitos nem pelos índios nem pelos brancos.
- ¹¹ O artista plástico nigeriano-britânico Yinka Shonibare tem uma série de bonecos de E.T. figurando justamente a Alteridade radical.
- ¹² Outros personagens mestiços marginais aparecem em obras de Robert Lalonde, de Gabrielle Roy, de Stanley Péan, de Nancy Huston, como mostrei em artigo anterior (2004).
- ¹³ O livro de História dizia que ele era doído, mas ele não parecia tão doído para mim. Os *Métis* estavam perdendo a terra – ela estava sendo tirada deles. Tudo o que ele queria era que eles tivessem seus direitos. O governo o enforcou por isso.
- ¹⁴ De qualquer forma, eu pensei que era ilegal dar bebida aos índios.
- ¹⁵ Ela estava chapada com a mistura caseira, pois ela estava se lixando se vivesse ou morresse, e tinha suas razões.
- ¹⁶ Seus ossos mestiços estragando o cemitério deles.
- ¹⁷ Ah, não vem com essa merda – vocês sabe que garotas mestiças mal podem esperar para seres comidas pelo primeiro cara que aparecer.
- ¹⁸ Morrer, se é preciso morrer./Cada um morre na sua hora./ Prefiro morrer com coragem./Todos vão morrer um dia.
- ¹⁹ Ela morreu chapada e bêbeda nas ruas de Vancouver. Como uma puta.
- ²⁰ (O pai) tinha sangue misturado, um pouco desse, um pouco daquele e um monte de sangue de índio.
- ²¹ Além dos *Métis* históricos, outros mestiços surgiram desde então, sem que tivessem necessariamente o estatuto de aborígenes, em decorrência do *Indian Act* (1951). Ver nota 7.
- ²² "Ah, eu li sobre índios. São pessoas lindas. Mas vocês não são exatamente índios, não é? Qual é a palavra

certa para pessoas como vocês?”, um perguntou. /“Mulher”, Cheryl respondeu na hora. /“Não, não, eu quero dizer nacionalidade.” / “Ah, sinto muito. Somos canadenses”, sorriu Cheryl docemente.

²³ Os persas hoje correspondem aos iranianos.

²⁴ Enquanto olhava para Henry Lee, lembrei que durante a noite eu tinha usado as palavras “Meu Povo, Nosso Povo” e fui sincera. A negação tinha saído do meu espírito. Era trágico que a morte de Cheryl tivesse me levado a aceitar minha identidade.